

USO DA FITOTERAPIA NA ATENÇÃO BÁSICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Alsilene de Lima Silva Gonçalves¹; Ana Paula do Nascimento da Cruz¹; Maria Lucineide Felipe Silva¹; Mônica Domingos de Oliveira¹; Deyla Moura Ramos Isoldi²

¹Faculdade Maurício de Nassau – UNINASSAU

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte

INTRODUÇÃO

A origem das práticas integrativas nos sistemas públicos de saúde vem desde o final dos anos 1970, com a Primeira Conferência Internacional de Assistência Primária em Saúde (Alma Ata, Rússia, 1978), as primeiras recomendações para a implantação das medicinas tradicionais e práticas complementares difundiram-se em todo o mundo. No Brasil esse movimento ganhou força a partir da Oitava Conferência Nacional de Saúde (1986), e desde então somente se expandiu (JÚNIOR, 2016).

Fitoterapia refere-se ao uso de medicamentos ativos de plantas ou vegetais, transmitido através da cultura popular (BRASIL, 2012). A utilização de plantas medicinais no Brasil originou-se a partir da evolução política, econômica e sociocultural do homem, com a miscigenação étnica respaldada e comprovada empiricamente através de práticas realizadas para manter e recuperar a saúde (VARELA; AZEVEDO, 2014).

A trajetória do uso de fitoterápicos e plantas medicinais no âmbito dos serviços de atenção primária à saúde no Brasil se deu em decorrência de movimentos populares, diretrizes de várias conferências nacionais de saúde e por recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) (ANTÔNIO; TESSER; MORETTI-PIRES, 2014).

Dessa forma, a demanda da Organização Mundial da Saúde foi atendida em 2006 pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS, assim como a normatização dessas práticas na rede pública de saúde (BRASIL, 2012). Essa política traz serviços relacionados a Medicina Tradicional Chinesa – Acupuntura, Homeopatia, Plantas Medicinais e Fitoterapia, Termalismo – Crenoterapia e Medicina Antroposófica (BRASIL, 2006).

A política de caráter nacional recomenda a fitoterapia com o objetivo de garantir a prevenção de agravos, a promoção e a recuperação da saúde. “Além de propor o cuidado continuado, humanizado e integral em saúde, visa contribuir para o aumento da resolubilidade do sistema com qualidade, eficácia, eficiência, segurança, sustentabilidade, controle e participação social” (ROSA; CÂMARA; BÉRIA, 2011).

Dentre as principais razões levantadas pelo Ministério da Saúde para implementação de projetos fitoterápicos são: a ampliação de acesso populacional aos medicamentos, aceitação cultural, baixo custo, necessidade de uso correto das plantas medicinais, baixo número de efeito colateral e eficácia comprovada (BRASIL, 2012).

Diante destas considerações cabe o questionamento: De que forma os fitoterápicos são utilizados na Atenção Básica? O presente estudo objetivou identificar como os enfermeiros fazem uso da fitoterapia na Atenção Básica.

MÉTODO

Trata-se de estudo do tipo revisão integrativa da literatura. Adotou-se a seguinte roteirização para a presente revisão integrativa: definição da questão norteadora (problema) e objetivo da pesquisa; estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão das publicações (seleção da amostra); busca na literatura; análise dos estudos e discussão dos resultados (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

As bases de dados foram escolhidas com vistas ao problema de pesquisa e dos estudos realizados no âmbito da Enfermagem: Base de Dados em Enfermagem (BDENF), e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS).

A captura dos estudos ocorreu em julho de 2017 através dos cruzamentos dos descritores: “Fitoterapia”, “Atenção Básica”; “Enfermagem”. Destaca-se que foi utilizado “and” entre os descritores, como operador booleano, e que não foi estabelecido um período temporal, adotou-se o vocabulário estruturado Descritores em Ciências da Saúde- DeCS.

Os critérios de inclusão foram: manuscritos que apresentassem Fitoterapia na Atenção Básica, publicados em português; em formato de artigos disponíveis na íntegra e gratuitos. Como critérios de exclusão: trabalhos que não apresentassem resumos na íntegra nas bases de dados pesquisadas e que não tratassem sobre a temática proposta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto aos resultados, selecionou-se 30 estudos potencialmente relevantes, dos quais 20 apresentaram-se voltados para temáticas diferente da proposta, restando 10 estudos que atendiam aos critérios de elegibilidade e compoendo o presente estudo. A seguir apresentar-se-á um panorama geral das publicações.

Tabela 1. Distribuição dos dados como título, autores, ano de publicação, objetivo e periódico. Natal, 2017.

Título	Autores/Ano	Objetivo	Periódico
A utilização da fitoterapia e de plantas medicinais em unidades básicas de saúde nos municípios de Cascavel e Foz do Iguaçu – Paraná: a visão dos profissionais de saúde.	Bruning MCR, Mosegui GBG, Vianna CMM, (2012)	O trabalho analisou o conhecimento de gestores e profissionais de saúde que atuam na Atenção primária, sobre fitoterapia, nos municípios de Cascavel e Foz do Iguaçu, Paraná.	Ciência & Saúde Coletiva
Fitoterapia na Atenção Básica: olhares dos gestores e profissionais da Estratégia Saúde da família de Teresina (PI), Brasil	Fontenele RP, et al., (2013)	Conhecer a percepção de 8 gestores em saúde e 68 profissionais da ESF de Teresina - PI, sobre a inserção da fitoterapia na Atenção Básica.	Ciência & Saúde Coletiva
O conhecimento dos profissionais de saúde acerca do uso de terapias complementares no contexto da atenção básica.	Neves RG, et al.; (2012)	Descrever o conhecimento dos profissionais de saúde acerca do uso de terapias complementares no contexto de atenção básica.	Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental online.
Opinião de Médicos e Enfermeiros sobre o uso da fitoterapia e plantas medicinais na Atenção Básica	Varela DSS, Azevedo DM, (2014)	Investigar as vantagens e facilidades encontradas por médicos e enfermeiros da ESF de Caicó-RN, no uso da fitoterapia e plantas medicinais na Atenção Básica.	Revista APS.
Dificuldades enfrentadas por enfermeiros na aplicabilidade da fitoterapia na atenção básica: uma revisão integrativa.	Araújo AKL et al., (2015)	Analisar artigos disponíveis na literatura sobre as dificuldades encontradas por enfermeiros na aplicabilidade da fitoterapia na Atenção Básica.	Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental online.
Contribuições das plantas medicinais para o cuidado e a promoção da saúde na atenção primária	Antônio GD, Tesser CD, Moretti-Pires RO, (2013)	Analisar programas e ações de fitoterapia na atenção primária à saúde brasileira (APS) a partir da literatura.	Interface (Botucatu)
Percepção dos Enfermeiros da Estratégia Saúde da Família sobre o uso da fitoterapia	Sampaio LA et al., (2013)	Conhecer a percepção dos Enfermeiros sobre o uso da fitoterapia na Estratégia Saúde da Família.	Revista Mineira de Enfermagem
Representações e intenção de uso da fitoterapia na Atenção Básica à Saúde.	Rosa C, Câmara GS, Béria JU, (2011)	Conhecer as representações e a utilização da fitoterapia na atenção básica à saúde e os fatores relacionados à intenção de uso dessa terapia.	Ciência & Saúde Coletiva
A Fitoterapia na Rede Básica de Saúde: o Olhar da Enfermagem.	Bastos RAA, Lopes AMC, (2010)	Avaliar o conhecimento que o profissional de Enfermagem tem sobre fitoterapia e as dificuldades encontradas para implementação dessa terapia nas Unidades de Saúde da Família.	Revista Brasileira de Ciência da Saúde.

Título	Autores/Ano	Objetivo	Periódico
Fitoterapia na atenção básica: estudo com profissionais Enfermeiros	Oliveira AFP, et al., (2017)	Investigar a compreensão de enfermeiros sobre a Fitoterapia e averiguar as estratégias necessárias para a consolidação desta prática na Atenção Básica.	Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental.

A fitoterapia na Atenção Básica é utilizada como coadjuvante nos tratamentos alopáticos, porém é necessário que suas possíveis complicações sejam levadas em consideração. Além disso, é fundamental que os enfermeiros recebam treinamento adequado para prescrição das plantas medicinais para os pacientes (BRUNING et al., 2012).

O Conselho Federal de Enfermagem estabelece e recomenda através da Resolução COFEN – 197/97 que a atuação nas Terapias Complementares (TC's) cabe somente ao profissional quando é realizada uma especialização na área mediante conclusão e aprovação (OLIVEIRA et al., 2017).

Segundo Fontenele et al., (2012), quando os profissionais demonstram conhecimento em relação ao uso da fitoterapia, abre-se um elo de comunicação entre a Estratégia de Saúde da Família (ESF) e a comunidade onde será implementada as TC's e conseqüentemente atendendo aos princípios e diretrizes do SUS. Destarte, a promoção da saúde por meio da fitoterapia “envolve o resgate de valores culturais, ao mesmo tempo em que estimula ações intersetoriais, facilitando: o vínculo equipe-comunidade, a aproximação entre profissionais e usuários, o cuidado autônomo, o desenvolvimento local, a intersetorialidade e a participação comunitária” (ANTÔNIO; TESSER; MORETTI-PIRES, 2014).

Assim, o conhecimento científico é imprescindível para orientar a população com relação ao uso abusivo dos fitoterápicos promovendo práticas de prevenção e promoção da saúde (ARAÚJO et al., 2015). Entretanto, vale ressaltar que em sua maioria os profissionais desconhecem a fitoterapia ou outra Prática Integrativa Complementar (PIC), como relatado em um estudo que 85,3% dos profissionais entrevistados não tiveram contato com alguma política, programa ou normatização relacionada à fitoterapia (FONTENELE et al., 2012), trazendo uma preocupação direta em relação ao cuidado em saúde nos serviços da rede pública (NEVES et al., 2012).

Em se tratando de fitoterapia, é a modalidade mais utilizada dentro das TC's desde os primórdios da medicina sendo considerada como natural e inofensiva além de possuir fácil acesso e baixo custo à população (NEVES et al., 2012). Em contrapartida, nos países em desenvolvimento, 80% da população fazem usos de práticas tradicionais nos cuidados básicos de saúde e devido a isso a Organização Mundial da Saúde viu a necessidade de valorizar a utilização de plantas medicinais aplicadas na Atenção Básica (ROSA; CÂMARA; BÉRIA, 2011).

Desafios são citados como obstáculos para utilização da fitoterapia na Atenção Básica como: falta de conhecimento sobre a temática por parte dos profissionais para orientar a população de forma eficaz; ausência de recursos e pesquisas por parte do governo municipal, estadual e federal; falta de incentivo dos gestores; falta de espaço físico na ESF; falta de matéria prima; falta de incentivo no processo de formação e educação permanente dos profissionais para que estejam prontos para atender às demandas impostas ao campo da fitoterapia (BASTOS; LOPES, 2010).

A divulgação da fitoterapia em atividades de educação permanente nos serviços da Atenção Primária é uma estratégia a ser adotada pelos gestores. A educação permanente em relação à fitoterapia pode proporcionar democratização dos saberes, diálogo, aprendizado, escuta e enfrentamento criativo dos problemas de saúde, com melhoria da qualidade do cuidado (ANTÔNIO; TESSER; MORETTI-PIRES, 2014).

CONCLUSÃO

Baseando-se na utilização da fitoterapia na Atenção Básica à Saúde por enfermeiros, constatou-se que, existem dificuldades e desafios que precisam ser enfrentados para que o desenvolvimento de ações e estratégias envolvendo as Terapias Complementares possam ser de fato implementadas e aplicadas, como a não valorização e incentivo por parte dos gestores e a falta de capacitação dos profissionais.

Percebeu-se, ainda, que há deficiências por parte dos enfermeiros no que diz respeito ao conhecimento sobre a prática da fitoterapia e as políticas públicas que se referem a elas. Apesar da falta de conhecimento observa-se que os profissionais reconhecem a importância da utilização na Atenção Básica devido ser uma forma de inserir o indivíduo como agente no processo saúde-doença, além de reduzir gastos com medicamentos alopáticos, preservando a cultura popular e desenvolvendo a educação continuada.

Torna-se relevante, portanto que aconteça uma transformação na realidade dos profissionais de enfermagem incorporando as TC's no contexto de sua prática. Ainda, enfatiza-se a importância do ensino sobre Práticas Integrativas Complementares na formação em saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTÔNIO, G. D; TESSER, C. D; MORRETI-PIRES, R. O. Fitoterapia na atenção primária a saúde. **Rev Saúde Pública.** v. 48, n. 3, p:541-553, 2014.

BASTOS, R. A. A; LOPES, A. M. C. A Fitoterapia na Rede Básica de Saúde: o Olhar da Enfermagem. **Rev. Brasileira de Ciências da Saúde.** v. 14, n. 2, p: 21-28, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Básica. Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica/Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. - Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRUNING, M. C. R; MESEGUI G. B. G; VIANNA, C. M.M; A utilização da fitoterapia e de plantas medicinais em unidade básica de saúde nos municípios de cascavel e foz do Iguaçu- Paraná: a visão dos profissionais de saúde. **rev. ciência & saúde coletiva.** v. 17, n. 10 p:2675-2685, 2012.

FONTANELE, R. P; SOUSA, D. M. P; CARVALHO, A. L. M; OLIVEIRA, F. A. Fitoterapia na atenção básica, olhares dos gestores e profissionais da estratégia da saúde da família de Teresina (PI), Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva.** v. 18, n. 8, p:2385-2394, 2013.

JÚNIOR, E. T. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. **Estudos avançados.** v. 30, n. 86, p: 99-112, 2016.

MENDES, K. D. D; SILVEIRA, R. C. C. P; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto enferm.** v. 17, n. 4, p. 758-64, 2008.

NEVES, R.G; PINHO, L. B; GONZÁLES, R.I.C; HARTE, J. et.al. O Conhecimento dos profissionais de saúde acerca do uso de terapias complementares no contexto da atenção básica. **Cuid. é fundam. Online.** v. 4, n. 3, p: 2502-09, 2012.

OLIVEIRA AFP; COSTA ICP; ANDRADE CG; et al. Fitoterapia na atenção básica: estudo com profissionais enfermeiros. **Rev Fund Care Online.** v. 9, n. 2, p: 480-487, 2017.

ROSA, C; CÂMARA, S. G; BÉRIA, J. U. Representações e intenção de uso da fitoterapia na atenção básica à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva.** v. 16 n. 1, p:311-318, 2011.

VARELA, D. S. S; AZEVEDO, D. M. Opinião de médicos e enfermeiros sobre o uso da fitoterapia e plantas medicinais na atenção básica. **Rev. APS.** v. 17, n. 2, p: 204 – 213, 2014.